

digo a respeito desse assunto, mostrando que a raça negra não nos fornece apenas assaltantes e marginais de vária espécie, pois é grande a sua parcela de colaboração no terreno da composição musical e no dos intérpretes daqueles artistas natos. Se o índice de analfabetismo é significativo entre os descendentes dos escravos, deve-se isto à sua limitação econômica e nunca à falta de capacidade intelectual para desenvolver-se. A inteligência das músicas e letras dos sambas, elaboradas geralmente por negros e mulatos cariocas, prova exatamente o contrário. E desses, Pixinguinha é astro de primeira grandeza.

Quando, na qualidade de Governador indicado de um Distrito rotário, compareci a uma Assembléia Internacional dessa instituição, nas cercanias de Miami, na Flórida, duas músicas brasileiras tive oportunidade de ouvir nas grandes lojas locais — uma de Roberto Carlos, cantada em espanhol, e “Carinhoso” de Pixinguinha, sem a bela letra que lhe foi adjudicada.

É sobre a vida e a obra desse Pixinguinha internacional que nosso conterrâneo Edigar de Alencar discorre nessa gostosa obra a que me estou referindo e que tenho o prazer de recomendar, especialmente aos amantes de nossas tradições culturais e musicistas em especial.

Ligeiras Palavras ao Elaborador do Segundo Plameg

Dentro de breve tempo terá início o segundo governo Virgílio Távora. E, se da vez primeira em que esteve à frente da administração estadual, cuidou o bem sucedido político cearense da elaboração do seu Plano de Metas Governamentais, não seria concebível que em plena era desenvolvimentista se descursasse de providência assemelhada o futuro Governador. Para tanto, elegeu jovem economista do Banco do Nordeste do Brasil, que se vem constituindo o celeiro a cuja porta não batido os administradores regionais. Conheço, razoavelmente, o técnico escolhido, por ter sido aluno meu na Faculdade de Ciências Econômicas, da qual é hoje professor em virtude de sua competência.

Sinto-me, assim, encorajado a fazer sugestões a quem tem sobre os ombros a difícil tarefa de tracejar o destino de

cinco milhões de cearenses por quatro anos. E inicio este meu monólogo, aliás não encomendado, relebrando ao antigo aluno de Sociologia do Nordeste a já célebre frase de U Thant, quando Secretário Geral da ONU: — o desenvolvimento é assunto por demais sério para ficar à mercê de economistas apenas. Trata-se de frase cujo entendimento há de ser inteligente, visto como não visa a subestimar os economistas, mas a enfatizar a necessidade da colaboração de outros especialistas no trabalho de planejamento. Nesta ordem de idéias será bom recordar o que ressalta aos olhos de quantos acompanham a extraordinária trajetória do Brasil nestes últimos quinze anos, não compreendida pelo povo (e as eleições realizadas ultimamente bem o comprovam, mesmo pondo-se de lado a demagogia esquerdista) precisamente porque se pretendeu alijar do poder decisório aqueles que teriam dado o toque humanista em álgida planificação técnica, perfeita mas sem calor humano.

Esquece-se, freqüentemente, uma verdade axiomática: — tudo deve ser feito para o homem e não à margem do homem. E, aos que transpõem, para felicidade sua e da própria humanidade, as lindes do materialismo e se alcandoram no espiritualismo, acrescentarei que “sem Deus o homem não pode organizar a Terra”, tal como foi relebrado pelo falecido Papa Paulo VI na encíclica “Populorum Progressio”, documento merecedor de ser o livro de cabeceira de planejadores e administradores, especialmente nos países em desenvolvimento.

Neste tocante, verdadeira e corajosa foi a frase do ex-Presidente Médici, que revelou grande sensibilidade aos problemas sociais quando afirmou que o Brasil ia bem, mas o povo ainda não desfrutava dos benefícios desse progresso. Para que a indiscutível arrancada desenvolvimentista do Brasil, fruto da competência de economistas como Roberto Campos, Hélio Beltrão, Delfim Neto, Reis Veloso e Henrique Simonsen, resultasse em real benefício para o povo, atendendo aliás ao programa da Revolução de Março de 1964, mister seria ter sempre em mente aquilo que se acha expresso na “Populorum Progressio”, item 34: — “Dizer desenvolvimento é, com efeito, preocupar-se tanto com o progresso social como com o crescimento econômico. Não basta promover a técnica, para que a Terra possa ser habitada de maneira mais humana”, pois “a tecnologia de amanhã pode gerar ainda piores males que o liberalismo de ontem”.

Mas o desenvolvimento preconizado no famoso documento de Paulo VI não se realiza ao acaso ou sem grandes dificuldades. É bem mais fácil lidar com números do que com homens, aqueles obedientes e conseqüentes, enquanto estes

se mostram, numa aparente inconveniência mas real vantagem, desconcertantes e imprevisíveis. Tem sido grande, pois, a tentação de preferir-se a elaboração de belos planos econômicos, com razoáveis resultados positivos, mas sem a conotação social que os elevaria à condição de documentos que realmente desenvolveriam socialmente as populações. E tenho para mim que para isso muito tem concorrido a chamada "correção monetária", que devora a economia de todos, especialmente a dos pobres.

Convém não esquecer que levamos nós, subdesenvolvidos atuais, enorme desvantagem ante os desenvolvidos de ontem (que são os desenvolvidos de hoje). Naquela passada era contaram os administradores com a resignação das massas, a qual muito ajudou as nações industrializadas em sua arrancada. Com essa (digamos dísparatadamente) vantagem não contamos nós nos dias atuais. Talvez por isso sintamos a tentação de simplesmente ignorar uma planificação global, humanista, na qual se promova enfaticamente a industrialização, que fabrica produtos impostos por uma insistente propaganda, mas não se esqueça de dar igual tratamento à agricultura, provedora da alimentação essencial à vida. Uma planificação em que se cuide da multiplicação das salas de aula mas não se descure a educação, que é muito mais do que simplesmente alfabetizar e instruir. Educação que atualmente não só se ignora, como ainda se trabalha contra ela, através da palavra escrita e oral, em livros, revistas, jornais, emisoras de rádio e de televisão, sob a incompreensível omissão das autoridades. E aqui me transformo, se não em justificador, pelo menos em entendedor das atitudes de uma juventude desassistida pelo clero demagógico de hoje, pelo Governo acuado ante a audácia dos maus, por pais sibaritas que depois se admiram dos descaminhos dos filhos. . .

É com essa mocidade, mais vítima do que algoz, que haveremos de contar para a continuidade da obra em tão boa hora iniciada por nossos maiores, especialmente a partir da Revolução salvadora de 1964. Se os quadros políticos atuais sofrem, explicável e inapelavelmente, os efeitos de nosso subdesenvolvimento, ora trazendo à nossa legislação falsa solução burguesa ao problema da família com a adoção do divórcio em tempos de ascensão do socialismo e outros pesadelos, ora promovendo campanha favorável ao aborto em nome da liberdade da mulher e com o esquecimento do ainda não nascido mas nem por isso desprovido do direito à vida, o que não esperar dos formados (ou deformados) sob o império dessa bem planejada campanha deletéria?!

A tomada de posição dos técnicos e políticos se consolida na medida em que são capazes de desenvolver um global pro-

jeto nacional ou regional, isto é, uma concepção lúcida e firme, orgânica e articulada, audaciosa mas não socializante porque cristã, dos destinos do país e da região. A esse projeto há de subordinar-se o comportamento do técnico e do político, que devem estar muito mais atentos ao superior interesse público do que aos mirabolantes tracejamentos econômicos, lícitos enquanto não desservirem àquele desiderato. Foi por essa razão que Massé, Comissário do Plano Francês, afirmou que "o planejamento não é senão uma medição coletiva sobre problemas comuns". Medição essa muito difícil de ocorrer em tempos de poluição, inclusive sonora e mais especialmente ideológica, como se acha salientado no item 85 do documento papal que serviu de base a estes comentários, onde podemos ler que "o mundo sofre por falta de convicção".

O planejamento não pode ser anódino, indiferente ao grande problema dos tempos atuais, que é a dessacralização do mundo, que é a subestimação do humano, em que nos transformamos em parafusos de uma engrenagem complicada, em zeros diante do infinito (o poder público hipertrofiado pelo socialismo ou sua tendência), em embaraçosa numeração que substitui o nome próprio... Há de, além dos aspectos econômicos que lhe são próprios e necessários, possuir conotação eminentemente social.

Esperemos, confiantes, que todas essas verdades, sabidas mas esquecidas freqüentemente, estejam presentes no trabalho de planificação que o jovem e talentoso técnico elabora para o futuro Governador.